

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Esfôrço e trabalho

Para bem se servir uma terra, é preciso muito esfôrço e muito trabalho. Não bastam as qualidades de inteligência ou de dotes de carácter para transformarem um ser consciente em obreiro do progresso. Se bem que estes predicados sejam também indispensáveis, o certo é que eles não constituem o único meio de qualquer cidadão contribuir para o engrandecimento dum país ou duma simples povoação. Tantos e tantos exemplos têm demonstrado a realidade desta afirmação, não havendo necessidade de ultrapassar os limites do concelho de Guimarães, para, com verdade, ela se justificar. Nesta terra, onde há homens inteligentes e dignos, verifica-se que o seu progresso não se tem feito sentir desde há anos, outro tanto não sucedendo a outras. Ainda há dias, tratando-se das Festas de Coimbra, o sr. Governador Civil d'este distrito falou dos muitos melhoramentos que nos últimos anos tem tido aquela terra, para o que não só tem contribuído a boa vontade dos Governos, como, também, o dedicado esfôrço e o aturado trabalho dos homens que tem estado à frente dos seus destinos. Ora, uma vez estabelecido o confronto entre a prosperidade de outras terras — no exemplo presente Coimbra — e o que se tem passado em Guimarães, não se compreende qual o motivo por que há uma diferença tam flagrante, a não ser que os sacrifícios dum povo sirvam de base ao progresso de outros. Posto de parte este principio, teremos de admitir a hipótese de certos indivíduos não aliarem à sua inteligência e à sua honorabilidade tôdas aquelas qualidades de trabalho activo e persistente, que são necessárias para fazer progredir qualquer terra. Será este o ponto de apoio do retrocesso de Guimarães? Eis a pergunta a que não sei responder com decisão e precisão, porque não é próprio do meu temperamento nem da correcção com que costume proceder, lançar, sobre quem quer que seja, responsabilidades infundadas ou não justificáveis. No entanto, factos há — principalmente os ocorridos nos últimos tempos — que põem um pouco em cheque o esfôrço e o trabalho daqueles vimaranenses que não têm aproveitado, como era de esperar, certas ocasiões de conseguirem para a sua terra os melhoramentos que por conquista, por direito e por justiça lhe pertencem. Concordo com a hora de sacrifícios, mas desde que eles sejam divididos por todos e não apenas por uma parte. E é devido a esta circunstância que eu entendo — como já o afirmei por diversas vezes — que ou há má vontade em atender as pretensões de Guimarães ou uma parte das qualidades acima apontadas tem faltado, sobretudo as de trabalho, a alguns dos homens que melhor podiam ter servido esta terra, dispensando-lhe mais atenção e lutando com mais insistência pela chegada da hora da bonança, aquela que raras vezes falta após a hora de tempestade. Mas, infelizmente, a hecatombe vai alastrando dia a dia, deixando-se arrastar com ela o próprio brio da população vimaranense, que não faz despertar as suas energias, antes, pelo contrário, as vai reduzindo à sua mais completa insignificância. Analisando factos por factos, qualquer outra conclusão seria errada, pois que, seguindo passo a passo tudo aquilo que tem ocorrido nesta terra, é essa conclusão a única que nos aparece sem máscara, isto é, completamente clara e logicamente transportada para o nosso espírito com tôdas as aparências de verdadeira. Mas, dizem que o destino é só um e que tem de cumprir-se, razão por que ninguém escapa à investida fatal da morte, que nem as Festas da Cidade poupou!!!

MIORA.

Divida sacrossanta

Guimarães, terra espelhante da caridade, terra que espalha a beneficência pelos asilos e hospitais, terra de gloriosas tradições, tão grandes, algumas, que só ela as tem, não teve, ainda, no entanto, o gesto sublime, que tanto a engrandeceria, não só a si, como à Nação inteira, de levantar o seu monumento aos mortos da Grande Guerra.

Como se explica que havendo no distrito apenas, três concelhos de primeira ordem, só Guimarães, dentro da classe, não tenha cumprido o seu dever?

Como se compreende que ha-

vendo concelhos de segunda ordem que, honrosa e dignamente, cumpriram já essa divida sagrada, Guimarães, berço da nacionalidade e concelho de primeira ordem, se deixasse ficar para traz?

Como pode admitir-se que, dentro do mesmo distrito, terras que nunca tiveram guarnição militar, tenham levantado o monumento aos mortos da Grande Guerra e, Guimarães, que teve o seu bravo regimento na Guerra, esteja, há quinze anos, com a sua divida em aberto?

Triste, dolorosamente triste, profundamente desolador.

Guimarães não tem esquecido os seus filhos dilectos que têm jazida no solo pátrio e que mor-

reram cercados da família e de conforto; não a recrimino, antes a louvo; mas tem esquecido, infelizmente, a gratidão que deve aos seus filhos mortos na Grande Guerra que tombaram, num minuto de cruciantes angústias ou vieram acabar o seu martírio no catre dum hospital de sangue; não a recrimino, também, mas queixo-me, cheio de autoridade moral para o fazer.

Os vossos filhos que morreram na Grande Guerra, Guimarães, não tiveram, ao menos, a mão carinhosa da mãe para lhe cerrar os olhos. Levantai-lhe, pois, quanto antes, esse padrão imorredouro que será o altar onde tôdas as mães das freguesias do concelho, irão no dia 9 de Abril, como no dia 11 de Novembro, espargir as humildes flores dos seus canteiros e desfolhar as saúdes dos seus corações pelos filhos que abraçaram na sua ida para a guerra e nunca mais viram. Não permitas, Guimarães, que o silêncio de quinze anos se transforme em afronta à memória dos mortos da Grande Guerra. E's, Guimarães, por natureza e por índole, excessivamente caritativa; sê, também, caritativa e piedosa para com os teus filhos que morreram na Grande Guerra; procura justificar os teus fóros de berço da nacionalidade.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

Nally e Benamôr

Visitem a exposição destes acreditados produtos de beleza, na Casa das Gravatas

COISAS & LOISAS

O TIRO AOS POMBOS

O meu eco — Outra lição — sobre os torneios de tiro aos pombos, publicado no último número do «Notícias» enervou alguém. É racional que assim tenha acontecido, visto que nem todos nós temos a necessária presença de espirito para concordarmos com a lógica dos argumentos que, porventura, possam contrariar o nosso modo de pensar. Está neste caso um cavalheiro que muito se incomodou com o referido eco, ameaçando-me com uma resposta formidável! Lamento — mas sinceramente — que a minha attitude condenando o tiro aos pombos escandalize, em tam elevado grau, a sensibilidade daqueles em cujo íntimo deve existir o sentimento do amor para com os animais, porque só assim se compreende a existência de um coração bem formado. Faço esta justiça mesmo a quem me censuram e atribuo o seu melindre à única circunstância de estarem apaixonados por um divertimento que não tem razão de ser. Além disso, o meu protesto contra o tiro aos pombos não quer significar menos consideração pelos caçadores de Guimarães, onde estão criaturas a quem me ligam affectuosos laços de amizade. O meu protesto é feito contra a liberdade duma reminiscência do barbarismo, já imprópria do século XX, a não ser para aqueles povos que ainda não foram bafejados pela luz redentora da Civilização! E para provar que este raciocínio não é exclusivamente meu, passo a transcrever um artigo da distinta escritora senhora D. Sara Beirão, artigo que foi publicado no «Primeiro de Janeiro» — de 5 do corrente, na secção Confessionário feminino.

É a melhor resposta que posso dar a qualquer articulista que me apareça, até mesmo aquele que prometera disparar contra mim maquiabélicas balas de papel. E porque já me vi na necessidade de responder a um amigo sobre matéria respeitante ao mesmo assunto, com a promessa de não mais voltar a êle, abri excepção para ter oportunidade de fazer o seguinte:

— 1.º — Transcrever o artigo da senhora D. S. Beirão, mediante autorização do digno Director do N. de G.;

— 2.º — Apelar para os Poderes Pú-

blicos, no sentido de ser decretada a proibição dos torneios de tiro aos pombos.

Pipi.

* * *

“Li que há numa terra portuguesa uma menina exímia e apaixonada adoradora aos pombos. Que me diz desta enormíssima barbaridade? Não haverá meio de evitar tão grande monstruosidade.”

M. S. REDER.

Realmente é espantoso que a humanidade se divirta com êsse horrível espectáculo.

O acaso cometeu um erro grave, distribuindo a uma menina essa triste habilidade.

Mais uma vez se prova que as tendências caem indistintamente sobre qualquer de nós, sem ligar importância ao sexo.

A mulher é geralmente dotada de uma sensibilidade tão delicada, que de forma alguma se coaduna com diversões cruéis.

Dai a surpresa. O tiro aos pombos é uma revivescência dos tempos bárbaros, como as touradas e outras coisas mais.

Não sei como não se lembraram ainda de ressuscitar os combates dos gladiadores, a que accorria o escol da sociedade, na antiga Roma, a aclamar os que triunfavam.

Conas de morte nunca devem constituir divertimentos.

Há em um ou outro ser, instintos tirânicos que dormitam por falta de ambiente, mas que podem despertar com violência ao primeiro choque.

Quem não conhece a psicologia das multidões?

Uma criatura isolada pode ser calma, tolerante, razoável.

Surpreendam essa mesma pessoa no seio de um aglomerado clamoroso e irritado e ninguém o reconhecerá.

Há mil formas de uma mulher mostrar as suas aptidões sem recorrer às armas.

Matar, não me parece de forma alguma, um feito que se harmonize com o seu temperamento com a sua ternura e affectividade.

A paz deve ser o seu lema. Esforçar-se por incutir no ânimo de todos, o culto da bondade e o respeito pelo seu semelhante.

Missão encantadora e relativamente fácil pois que é ela como mãe, ou mestra, a primeira orientadora do homem.

É possível fazer compreender a todos que a terra é uma imensidade sem fim, em que cabem a vontade sem precisão de se eliminarem para lograr o quinhão do vizinho.

Tantas regiões despovoadas aonde podem fundar-se aldeias, vilas, cidades e estados, abundantes e felizes!

Guerra à guerra e a tudo quanto seja extermínio.

Avançar continuamente pelo caminho sereno em que se trabalhe, em tranquillidade, desenvolvendo actividade e inteligência sem que o ruído dos canhões perturbe a paz idílica do mundo florescente

Guerrillar é retrogradar, e o século XX é de progresso.

Sempre houve guerras, afirmam os que antevêm grossas negociatas com a confusão geral, com o pânico, que fazendo correr rios de sangue, destrói fortunas adquiridas, às vezes, à custa de quantas canseiras.

Talvez sejam êsses ambiciosos as primeiras vítimas a tombar.

De resto o serem os nossos antepassados guerreiros, nada diz à nossa mentalidade moderna.

Não somos imitadores mas inovadores.

Marchamos sem outro ideal que adquirir por um labor assíduo e honesto, o pão e a glória podendo ser.

O tiro aos pombos é uma distracção selvagem.

Escola em que se cultivam instintos sanguinários e nada mais.

Não indigna o facto de ser uma rapariga a brilhar.

Coube-lhe em sorte essa propensão e o destino não escolhe sexos para distribuir vocações.

gerações novas para tôdas as eventualidades da vida.

Atirar aos pombos não é mister importante para gastar tempo, especialmente quando todos devem diligenciar estabelecer a paz.

Cada qual deve contribuir com a sua quota de esfôrço para o aperfeiçoamento geral, para que a sociedade atinja aquele grau de perfeição, em que rivalidades, odios, invejas e rancores, desapareçam.

O indivíduo obterá o equivalente à energia dispendida ou à inteligência que ilumina, e sem a qual tudo é impossível.

Igualdade, essa é uma utopia, porque a diferença entre cada animal da criação racional ou irracional, é tão grande que às vezes nem parecem da mesma espécie zoológica.

Sarah Beirão.

Ferros Curtos

Cá para nós...

«A Câmara em sua sessão de 20 de Abril p. p., deliberou, entre outros assuntos, adquirir 50 vassouras para a limpeza municipal».

(Dos jornais).

«Nos últimos tempos temos visto que, pela manhã, algumas das nossas ruas se apresentam pouco decentes, resíduos ainda da limpeza das retretes, feita de noite. Como não há policia, nem quem zele por estas coisas, não se varre nem lava convenientemente.»

(Do Comércio de Guimarães).

Vamos ter, com o calor, A nossa cidade limpa, Sem vinagre e sem fedor: — O que se chama supimpa; — O que se diz um primor!

E', pois, de rigosijar... Com 50 «escrivães» De vassoura, a dar, a dar, A vetusta Guimarães Vai ficar mesmo a brilhar!

50 vassouras vão — Reparem que é meio cento — Varrer o lixo do chão; E vendido o excremento Deve dar um dinheirão!

Vendo isto as raparigas — Que ninguém nelas se esbarre — Para alívio de fadigas, Recordam velhas cantigas: — Yassourinha, varre... varre...

Ignora diversa gente Que — a limpeza Deus amou, — É, a pesar-de penitente, Nunca o adágio gravou, O reteve em sua mente.

Minha linda Guimarães: Em belezas te refletés! Mas ao estrumo que tens, Nem 50 «escrivães» Limpam as ruas-retretes...

Com certeza o forasteiro Tudo vê, tudo adivinha; E ante o lixo e o mau cheiro, Cantará para o licheiro: — Varre, varre, vassourinha...

E um visitante qualquer, Até o mais delicado, Tapa o nariz — é de ver — Para comigo dizer: — O' que cheiro excomungado!

Aos resíduos que amontuas — Uma autêntica retrete — Em largos, vielas e ruas, — E tudo, tudo encafuas! — Só mesmo no dezassete!...

E por fim: quem se julgar — Em verso mal se esmiúça Uma verdade a enterrar — Atingindo — é sangrar Esta velha carapuça...

Rio-me até às ilhargas, Apesar de ter meus erros. — Saem raios das descargas? — Do meu lápis saiem ferros? — Que as verdades são amargas!

BANDARILHEIRO.

Animula vagula, blandula... Comentando...

(Notas e Cartas de um Médico da Província)

(9)

Maio:

A hora à qual vou a casa da Leonor é a da entrada nas fábricas. Que sacrifícios não tem feito a rapariga! Indispensavelmente retida junto da filha — haveria ânimo de confiá-la da assistência mercenária? — os embaraços domésticos, agravados com as despesas da doença e o repouso forçado no trabalho, mais se comprometeu de semana a semana. Hoje o custo da vida é incomportável a todas as medianias. Vive-se de miséria e na miséria. O operário destes lugares não ganha para comer. Come pouco, mal e ordinário, gemido e chorado a sacrifícios terríveis. Ainda arranjou, dando dois terços do lucro insignificante, quem lhe acabasse a peça, metida no tear. Logo depois, como tardasse, choveram as reprimendas do mestre da oficina — se era ela a doentinha, se lhe apetecia dilatar muito a convalescência, se dava à pequena miminho às colheres de hora em hora... que eram doenças de luxo, de gente rica e desprezada, mas, como o modo de vida era de trabalhar, e não faltavam pedidos, a vaga ia preencher-se. Obrigaram-nos a empenhos, lei suprema, lei diária de toda a nossa vida social. Dotada de habilidade, começara a costurar para fora, a remendar e a pontear; o marceneiro arranjava, a crédito, uns metros de riscado, de que ela fizera aventais e mandara vender em dias de mercado. Assim, já em sérios apertos de desesperação, vieram as primeiras encomendas.

Encontrava, então, pelo caminho, ao sair de casa, esta gente operária, hostes de mulheres em demanda, logo de manhã, de seu quartel. Muitas vinham de longe, dos campos, calcuriando léguas de maus caminhos por todo o tempo, com o naco da brôa e uma cebola, ou a fruta verde e ordinária mais baratinha ou à mão de tentar, único nutrimento até o meio-dia, em que, do casal distante, lhe trazem o caldo deslavado do eterno jejum, e assim ficam e regressam ao fim da tarde, já noite pelo inverno, a outros cuidados não menos duros. Pelos contingentes fornecidos em operárias e criadas de servir, com o exodo de moços para o comércio e indústria, artes e ofícios, aumentando de ano a ano, e a recruta de trabalhadores braçais para o estrangeiro, que veio substituir em parte a emigração para o Brazil, fendeu-se e dessoldou-se, na aldeia, o herdado apêgo milenário à terra lavorável — bërço, tálamo e caixão, vínculo de sangue e amor —, a virtude sublime da sua força heróica de obstinação e de trabalho. Este rarear de braços, alternando a medíocre mas longa e sólida estabilidade da economia agrícola, com o gravame das contribuições e direitos sucessoriais, as inundações subitas, e inesperadas mudanças de donos, no borborinho caótico das ondas de fortuna e de miséria, que determinaram as últimas especulações, ameaçam gravemente o nosso mundo rural, talvez ainda a parte mais sã da colectividade. E como, de troca, o fraco dinheiro que recebem, vai já corrido e ligeiro para novas precisões adquiridas, e marcado com os vícios das más useiras urbanistas, a decadência, iniludível, acelera-se e desdobra-se, envenenando a boa fonte da energia nacional. Não menor doença que suas inseparáveis companheiras, a tuberculose e a sífilis, o emprazamento do corpo à sorte e a dinheiro de acaso, o horror da maternidade, indesejada e reduzida a um acto físico de despejo, o desprendimento da família, a impaciência de novos apetites sempre insatisfeitos, agarrados e comichosos, e a abolia de toda a iniciativa livre e espontânea.

Mas, ainda assim, o maior número, a leva, desagua e escorre dos pontos cardiais da cidade. São mulheres de todas as idades e estados, entre a pubere alvorada e o encardido senil, e proveniências heterogêneas, de várias castas, livres ou escravas do sexual domínio, algumas foragidas a duras experiências na servidão ancilar ou das garras proxenéticas, arrastadas, outrás, pela ruína doméstica — o pai, o marido, os irmãos sem trabalho, ociosos forçados ou vadios profissionais — quando não é preciso e pouco o trabalho de todos para uma cõdea —, e certas que já da fábrica nasceram ao sair do ventre materno e por ali se quedam fiéis até a fim do mundo. Vêm cheias as ruas de seus passos ligeiros, suas mal estremunhadas figuras, a cor viva das blusas, onde por vezes agonia ao seio o sorriso provocante das flores, e os largos, quando elas passam, são como adros em romaria, com o frescor sensual da petulância, e algo de estranho e revólto, de confuso e inquieto. Nem a simplicidade alegre do vestuário salóio, nem a caricatura do adamado trajar das criadas. Há um riso alto e cantado, que sacode o espaço em riscar de vidro, estribilhos e canções, na ironia aguda dos falsetes, um redemoinho espavitante de saias. Agora, pela manhã, é como a saudação ao trabalho, a rolar na cidade de olhos fechados, ainda metida na cama, ao bater das primeiras missas; logo, ao meio-dia, ao jantar, uma carreira na sombra aparada das árvores, no agasalho dos beirais, entre as pedras das obras, minutos contados e sobejos à chanfana insípida; mas, na recolha da tarde, já vagareiam o andar, um pouco mais alardeado, cortando a monotia da pasmaceira e o à espera dos negócios, aos bandos, carne de mulher transformada em máquina, mas que deseja ainda e se recorda, entre a nubladação do negro destino, de haver sido e querer mostrar-se mulher... A mesma clorose irmanas singularmente: e a pele fria e baça, o corpo despido e magro, se não mole, o enrugamento de precoce envelhecer, a deformação da estrutura feminina, a ansiosa nervosidade, com sacudidas bruscas. Brilham azogados, finos, penetrantes, os admiráveis olhos, claros e tristes, muitos que já desaperceberam de rir e de chorar, de ver e de amar, e onde ficou a luz de sonhos mentirosos, de perdidos beijos, de ilusões intocadas ou perdidas. Sulcos indeléveis de cansaço marcam os rostos, fortemente anemiados. Pela imobilidade fixa, regulamentar, os pés colados ao cimento, a respiração continuamente envenenada, o fragor chiante das oficinas; com a falta de alimentação e de repouso — muitas é ao domingo que lavam e cuidam das roupas, e despacham outros encargos, pois o tempo, sobrado aos dias, não resta da cosinha e amanhos de casa —, enleia-as a reuma paralisante, apoquentam-as graves perturbações nas regras, sudoração fria com hemoptises frequentes, uma debilidade de exaustão invencível, o aniquilamento mais ou menos rápido da energia e de todos os recursos vitais. Ao cabo de poucos anos, a verdadeira mulher desapareceu, ficou apenas, nem de mais se carece, a operária. Então começa-lhes um especial modo de ser — oculto desenrolar de tragédias íntimas, a família pesando de carga, o amor (o líbido rareia e dificulta-se na cansada impotência do desejo) como suada tarefa, o mal-estar sequioso de agitação, arremessos à toa de vontade dispersa e infixa, espreguichamentos nostálgicos de apetites tumultuosos — que é já doença grave, e marca a jornada da dessexualização com apatia terminal. Deu-lhes, primeiro, no sentimento a tuberculose, que há-de levá-las, e é já morto o coração da mulher na forma de mulher. A entrevista melhoria de for-

A Companhia dos C. de Ferro do Norte anunciou um combóio, aos domingos, a partir do Pôrto depois da meia noite, recomendando-o às pessoas que visitam a exposição. Acontece, porém, que, no domingo passado, não houve tal combóio até Guimarães, mas sim até Santo Tirso, ficando os passageiros desta cidade impossibilitados de regressar a suas casas por aquela via de comunicação, pelo que tiveram de transportar-se em automóveis.

Francamente, isto revolta. Lá que a Companhia não organize combóios, está certo, mas que tenha mais consideração por Santo Tirso do que por Guimarães, isso não, mil vezes não!

Como estação temos um *partidinho miserável* que só depõe contra a própria Companhia, e ela ainda não contente, vai pregando *partidinhos* desta natureza.

Uma pergunta, à referida companhia:

A estação de Guimarães com o seu razoável movimento de passageiros e com o enorme movimento de expedições de mercadorias tem dado prejuízo?

.....

Voltando à *vaca fria*: O combóio a que acima nos referimos só poderá prolongar-se até Guimarães se, antes da partida, estiver garantido um número de passageiros, para esta cidade, não inferior a 30.

Francamente, isto não parece idéa da Companhia do Norte! Hoje já nem os proprietários das caminhetas que vão para as feiras, exigem número de passageiros.

Estaremos de acôrdo?

*

A propósito dum funeral que, civilmente, se realizou nesta cidade, recebemos uma carta bastante extensa a que nos é impossível, por várias razões, dar publicidade, muito embora estejamos de acôrdo com algumas das considerações feitas pelo seu autor.

Dos Livros. Dos Jornais.

«O Jornal de Cabeceiras»

Completo mais um ano de existência este brilhante semanário, que se publica em Cabeceiras de Basto.

A todos quantos nêle trabalham, as nossas felicitações.

«Os Aautos»

Recebemos um número especial deste interessante jornalzinho de propaganda, editado pelo grupo recreativo local «20 Aautos de D. Afonso Henriques» e comemorativo do seu passeio anual, que, como noutro lugar noticiamos, se realiza no próximo sábado.

Apresenta-se brilhantemente colaborado, com óptimo aspecto gráfico e desenvolvida secção de anúncios.

Agradecemos o exemplar recebido.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a 4.ª página do nosso jornal.

Incompreensível

Ainda a propósito da nossa local — *Incompreensível* — recebemos dum nosso conterrâneo, há muitos anos residente no Pôrto, uma carta, da qual recortamos o seguinte:

«Constatarei, porém, e recebi a confirmação pelo último número do «Notícias», que a digna Comissão de Turismo atendeu a reclamação desse grande defensor dos interesses de Guimarães, mandando distribuir no stand do Turismo da grandiosa exposição colonial, panfletos de Pro-

paganda da nossa tão linda e importante terra natal.

Bem haja, Sr. Director, por tudo quanto tem feito e bem haja também quem lhe fez notar a falta que se vinha fazendo sentir — falta que aquela digna Comissão de Iniciativa acaba de remediar, a contento de todas as pessoas que se interessam pelo progresso da nossa Guimarães».

Domus Municipalis

Em sessão do dia 5, a C. A. deliberou, entre outros assuntos:

Aprovar o projecto de adaptação e melhoramento da Repartição dos Impostos Municipais, anexo ao edificio municipal; aprovar o projecto de adaptação e melhoramento da repartição de Finanças; aprovar o projecto de reparação e melhoramento da tesouraria de Finanças, anexa também ao edificio municipal, mandando-os executar por administração directa. Aprovar o projecto de reparação da estrada de Belos Ares à Penha.

Concedeu e autorizou os pagamentos de 1.500\$00 para uma taça destinada a constituir prémio da Câmara na Rampa da Penha; de 250\$00 para uma taça para o torneio de tiro aos pombos, a realizar na Penha nas festas de Santa Catarina; 500\$00 ao Vitória Sport Club para o torneio de tiro aos pombos a realizar no campo de Benlhevai, no dia 30 de Junho; 300\$00 à Cantina da Escola do Coração de Jesus.

Depositar 200\$00 na estação do Caminho de Ferro para o transporte de pobres, no caminho de ferro, à Vila de Vizela, para fazerem tratamento nas Termas, e de igual quantia às Empresas das Camionetas de Braga, para a condução de pobres que vão a tratamento às Termas das Taipas.

MERCADO — A mesma comissão resolveu abrir concurso para a obra de trocha da parte interior do novo mercado municipal, e abrir concurso para a parte de carpinteiro da mesma obra.

Em sua sessão do dia 12, a C. A. resolveu, entre outros assuntos de interesse local, requisitar duas enfermeiras visitantes para as Fábricas.

Distrito de Recrutamento e Reserva N.º 8

Aviso

Avisam-se, por esta forma, as praças licenciadas do exército activo e da reserva activa, do D. R. R. n.º 8, das diversas unidades do exército, domiciliadas no concelho de Fafe que devem comparecer nos locais que abaixo se indicam, e nos dias que lhes vão indicados, pelas 10 horas (hora oficial) com as suas cadernetas militares, a fim de lhes ser passada revista de inspecção, nos termos do Regulamento Geral dos Serviços do Exército.

Em 22 de Julho de 1934, na sede do concelho de Fafe:

Aboim, Agrela, Amozela e Ardego, Estorões, Fafe, Felgueiras, Gontim, Monte, Moreira de Rei, Passos e Pedraldo.

Em 29 de Julho de 1934, na sede do concelho de Fafe:

Queimadela, Regadas, Revelhe, Ribeiros, Seidães, Serafão, Silvares (S. Clemente), Silvares (S. Martinho), Travassós, Varzeacova, Vila Cova e Vinhós.

Em 12 de Agosto de 1934, no Comando Militar de Guimarães:

Antime, Armil, Arões (Santa Cristina), Arões (S. Romão), Cepães, Fareja, Golães, Medelo, S. Gens e Fornelos.

As praças que faltarem a esta obrigação especial serão punidas, nos termos do citado Regulamento Geral dos Serviços do Exército, pela aplicação de multas a que se refere o artigo 44 da VI parte do mesmo Regulamento que, pelo artigo 1.º do Decreto 9629, são elevadas ao decuplo.

O mínimo da multa é de 10\$00. Quartel em Braga, 28 de Junho 1934

O Chefe interino,

Francisco Feio Vale
Tenente Coronel

UM PERIGO

Junto das ruínas do celebre *Castelo dos Almadas*, brincam diariamente dezenas de crianças, que vivem alheias da enormidade do perigo que as rodeia de momento a momento, pois já não é a primeira vez, que, embora pequenas, se tenham lá dado desmoronamentos de pedras.

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

tuna acrescentou à miséria social a miséria orgânica, e a liberdade apetejada safu-lhes negra escravatura.

(Continua).

Saúde pública

A viéla de S. Crispim, ali a meio da rua da República, constitue um perigo para a saúde pública, devido a fazerem dela montureira de porcaria. Raro é o dia em que lá se não despejam caixotes com restos de animais, além de continuamente fazerem dela, principalmente no recanto, mictório, retrete pública, etc.

Anúncio

(1.ª publicação)

No dia 29 do corrente, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e por deliberação no inventário de maiores a que se procede por óbito de José Lordeira Guimarães, solteiro, maior e morador que foi no Largo do Trovador, desta cidade, em que é inventariante a Venerável Ordem Terceira de São Francisco, também desta cidade, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, para serem entregues a quem maior lance oferecer, dos seguintes bens: — A quota e fundo de reserva que o inventariado tinha na Fábrica de Fiação e Tecidos da Abelheira, da freguesia de Castellos, desta comarca, de Alfredo da Silva Araújo & C.ª, L.ª, na importância de oitenta e sete mil e quinhentos escudos e que vão à praça pela quantia de 65.625\$00.

Diversas caixas de chapas de celulósido, de côres e qualidades diferentes, que vão à praça pelo preço da avaliação.

Dez acções da Cooperativa «A Económica Vimaranesa», que vão à praça pela quantia de 50\$00.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos.

Guimarães, 5 de Julho de 1934.

O chefe da 3.ª secção,

Luis Cândido Lopes.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Nunes Correia.

CASAS

Vende-se a casa onde habitou a falecida D. Rosa Dias, na rua do Gravador Molariño, com mobília ou sem ela, e a casa junta, na rua do Espírito Santo, podendo mostrá-las e recebendo propostas o sr. Casimiro Martins Fernandes, da casa Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª, Tournal.

Reserva-se o direito de não aceitar nenhuma proposta, se não convier.

Artigos MICKEY-MOUSE

para criança.

Camisas - Peugas - Sockettes
Sortido completo.

Camisaria Martins

Visado pela
Comissão de Censura.

EDUARDO D'ALMEIDA,

Da Cidade

Festas a Santa Catarina — Começaram ontem, com várias demonstrações festivas, iluminações, etc., as festas dos nossos caçadores em honra da sua Padroeira — Santa Catarina — na linda Montanha da Penha. Os festejos prosseguem hoje, como temos noticiado, com o programa seguinte, que promete decorrer animadamente:

Alvorada, Solenidades religiosas com procissão, Torneio de Tiro aos Pombos, Jantar de confraternização e animado arraial com iluminação, fogo e música.

Senhora do Carmo — Amanhã realiza-se na igreja da V. O. T. do Carmo a festa em honra da Padroeira, que constará:

De manhã, às 11 horas, missa cantada.

De tarde, às 16 horas, exposição do Santíssimo.

Às 18 horas, sermão pelo rev. Abade de Anta, Te-Deum, absolvição e Bênção.

Festa à Padroeira — A Mesa administrativa da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira vai promover, em Agosto próximo, as solenidades em honra da Padroeira da Cidade.

"Retalhos duma alma" — Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar, hoje, entre outros originaes, uma magnífica produção do nosso ilustre amigo e distinto poeta, sr. Delfim de Guimarães. Que ele nos perdôe.

Doente — Em Vizela, tem estado bastante doente o nosso dedicado amigo, sr. António Simões, a quem desejamos um rápido e completo restabelecimento.

Dum 2.º andar à rua — Ao fim da tarde de terça-feira, caiu, dum 2.º andar da rua Gravador Molarinho à rua, a inocente Mécia Júlia, de 17 meses de idade, filha do sr. Ernesto Teibão de Abreu, que faleceu momentos depois.

O funeral realizou-se com o acompanhamento de pessoas amigas da família, na manhã de quinta-feira.

Dr. Adelino Jorge — Passou ontem o aniversário natalício do nosso respeitável conterrâneo e amigo, sr. dr. Adelino Ribeiro Jorge, motivo por que lhe apresentamos as nossas felicitações.

Propaganda do Estado Novo — Como estava anunciado, realizou-se, no último domingo, à tarde, no Teatro de D. Afonso Henriques, perante uma assistência numerosa, composta por pessoas de todas as posições, a primeira sessão de propaganda do Estado Novo, promovida pela Comissão Concelhia da U. N.

Nas frisas e camarotes viam-se muitas senhoras e as galerias eram ocupadas por o elemento operário.

A plateia estava repleta.

No palco viam-se as autoridades locais e outras pessoas de representação.

Presidiu à sessão o sr. Governador Civil do Distrito, secreta-

riado pelos srs. Presidente da Câmara e Administrador do Concelho.

Após um breve discurso de abertura, pelo sr. presidente da mesa, usaram da palavra, sendo muito aplaudidos, os srs. Coronel Duarte do Amaral, presidente da Comissão Concelhia, Conde de Alentem, Dr. Augusto Cerqueira Gomes e Dr. João Antunes Guimarães.

Horário de trabalho — O dr. delegado do Instituto de Previdência e Trabalho do Distrito de Braga, aplicou, ultimamente, várias multas pelo não cumprimento do horário de trabalho, a diversos estabelecimentos comerciais e fabris deste concelho.

Agressão à fachada — Em Fafe, foi agredido à fachada, por ocasião das festas de Antime, o sr. Domingos Mendes, desta cidade, no momento em que protestava contra abusos praticados na exibição do jôgo da *vermelhinha*...

Ficou bastante ferido, tendo sido pensado no hospital daquela vila.

Concêrtos musicais — Por iniciativa da Câmara iniciaram-se, no último domingo, no Jardim Público, os concêrtos dominicais, pela afamada banda dos Bombeiros Voluntários.

Exames — Concluiu com distinção o exame do 2.º ano do Liceu, obtendo dispensa de todas as provas orais, o menino Fernando, filho querido do nosso prezado amigo e muito digno professor da Escola de "Francisco de Holanda", sr. dr. Fernando de Matos Chaves.

Ao brioso estudante e a seus ex.ºs Pais, os nossos parabéns.

Também, no Liceu de Martins Sarmento, foram dispensados de provas orais os académicos José Ribeiro da Silva Xavier e Francisco de Sales Leite da Silva, filhos dos nossos amigos srs. Joaquim da Silva Xavier e Francisco Baptista Coelho da Silva.

Fêz exame de 5.ª classe, no Liceu de Martins Sarmento, obtendo a honrosa classificação de 16 valores (distinta), a menina Maria da Conceição Oliveira Mota, filha do nosso prezado amigo sr. Eduardo Lemos Mota.

Muitos parabéns.

General Sanjurjo — Este ve em Guimarães, na última quarta-feira, tendo visitado os monumentos e as nossas Estâncias Turísticas, o sr. General Sanjurjo.

Leão Martins — Abraçamos, nesta cidade, na quarta-feira passada, o nosso querido amigo e ilustre colaborador, sr. Leão Martins, que retirou no dia imediato para a sua casa de Aguas Santas — Ermezinde.

Os Arautos de D. Afonso Henriques — Este bem organizado grupo excursionista realiza, no próximo dia 21, o seu passeio anual de confraternização, regressando oito dias depois.

Falecimentos — Faleceu, na segunda-feira, o sr. António Dias, guarda n.º 10 da extinta polícia municipal, que há muitos anos já

vinha desempenhando as funções de continuo da Secção Administrativa da Câmara, sendo muito estimado pelos seus superiores, pelas suas qualidades de trabalho, honradez e exemplar comportamento.

O seu funeral realizou-se na quarta-feira, tendo assistido o pessoal da Secção Administrativa e o sr. Administrador do Concelho que proferiu, junto ao coval, algumas palavras de sentimento.

Faleceu, também, quasi de repente, o industrial sr. António Ribeiro, da rua de S. Dâmaso.

O seu funeral, que foi civil, realizou-se na tarde de quarta-feira. Pêsames às famílias.

5.ª Rampa da Penha — Como temos noticiado, é no próximo domingo que se realiza, promovida pela Secção Norte do Automóvel Club de Portugal, a emocionante prova automobilística

— **5.ª Rampa da Penha** — a que devem concorrer os mais afamados volantes do País, que disputarão muitos e valiosíssimos prémios. Sabemos que o número de inscritos é já elevado, tudo nos levando a crer que a referida prova vai despertar o mais vivo interesse e entusiasmo.

Temporal — Ao fim da tarde do último sábado pairou sobre esta cidade uma violenta trovoadas acompanhada de fortes aguaceiros.

3.ª Volta a Portugal — Passaram por esta cidade, na tarde de ante-ontem, os corredores automobilistas da 3.ª Volta a Portugal, tendo-os aguardado, na meta, muitas pessoas que aclamaram os primeiros concorrentes que a cortaram.

Em primeiro lugar, e com um grande avanço, passou Eduardo Ferreirinha, no seu Ford, e oito minutos depois, também em Ford, Jorge Seixas. Volvidos cerca de 40 minutos, passaram os restantes corredores, em número de 11.

Ao primeiro corredor foi oferecida, pela Comissão de Iniciação e Turismo, uma artística placa representando uma rocha da maravilhosa Penha e, sobre ela, as armas da cidade, em prata.

O Castelo (?) dos Almadãs — A C. A. da Câmara encarregou o sr. Capitão Luís de Pina, de estudar a forma de pôr termo à vergonhosa existência do famoso Castelo (?) dos Almadãs.

Cónego António Hermano — Sabemos que já se encontra, felizmente, melhor dos seus incómodos, o nosso ilustre amigo sr. Cónego António Hermano Mendes de Carvalho, com o que muito folgamos.

Baptizados — Na paróquia de Santa Marinha da Costa baptizou-se, no domingo passado, um filhinho do nosso amigo e importante industrial sr. António Pimenta, que recebeu o nome de João Alberto. Parainfirmaram os tios paternos, o nosso amigo e abastado capitalista, sr. Alberto Pimenta Machado e sua ex.ª esposa. Parabéns.

— Na igreja de S. Paio recebeu, também no domingo, a água

baptismal uma filhinha do nosso amigo sr. Francisco Correia Lopes, que recebeu o nome de Maria da Conceição.

Foram padrinhos o nosso amigo, e inteligente professor do Liceu de Braga, sr. dr. David de Oliveira e sua ex.ª esposa. Parabéns.

Conselheiro Mota Prego — Regressou a esta cidade o nosso ilustre conterrâneo e amigo, sr. Conselheiro dr. José da Mota Prego.

Nascimento — Teve a sua *dé-livrance*, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, a dedicada esposa do nosso amigo sr. Domingos Mendes Fernandes. Parabéns.

Doentes — Tem passado incomodada a dedicada esposa do nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Menezes.

Foi acometida de uma congestão cerebral a ex.ª esposa do nosso amigo e estimado industrial sr. José da Silva Guimarães. Desejamos as rápidas melhoras das bondosas enfermas.

António Almeida — Em Pebane, onde é gerente da "Porto Colonial, Ltd.ª" esteve gravemente enfermo, encontrando-se felizmente livre de perigo, o nosso estimado amigo e conterrâneo sr. António Almeida.

EDITAL

António José Pereira de Lima, Administrador do Concelho de Guimarães;

Faz público que para os devidos efeitos e para cumprimentos do Art.º 8 do Decreto 8364 de 25 de Agosto de 1922, a esta Secção Administrativa da Câmara Municipal baixou o edital da Circunscrição Industrial que é do teor seguinte:

Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial.

Faz saber que: José Mendes de Oliveira, requereu licença para instalar uma fábrica de pentes em galalith e celuloide e vários artigos, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, na rua de Couros, freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao Norte com terrenos de cultivo de Maria Campos, ao Sul com prédios de habitação pertencentes a António José de Oliveira, a Nascente com a Fábrica de Cortumes de António José de Oliveira, e ao Poente com a rua de Couros.

Nos termos do Regulamento das Industrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede em Pôrto, rua Sá da Bandeira, n.º 142 2.º Pôrto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 4 de Julho de 1934.

O Engenheiro-Chefe,

Manuel J. Eloi Moniz Júnior.

E' o quanto se contém no referido edital.

Guimarães, Secção Administrativa, aos 7 de Julho de 1934.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da Secretaria da Secção Administrativa, o escrevi.

António José Pereira de Lima.

Do Concelho

S. Torcato, 11.

Diversas notícias.

Manuel de Oliveira Fernandes, do lugar de Sabugoso, da vizinha freguesia de Rendufe, pegou numa bomba dum foguete que, explodindo, lhe cortou três dedos da mão esquerda.

Deu entrada no hospital da Misericórdia.

— Completou o 41.º aniversário natalício, em 8 do corrente mês, o nosso amigo sr. Joaquim da Silva, digno 2.º sargento reformado do Exército.

Os nossos parabéns.

— Na noite de sábado para domingo, devido a uma grande trovoadas, que pairou sobre esta região, não funcionou com regularidade a luz eléctrica, devido a avariarem as linhas de Alta Tensão.

— Está concluída a construção do lavadouro público, no lugar de Segade, desta freguesia; melhoramento há muito ansiado.

Também foi capeada a vala que conduz a água ao lavadouro publico da povoação do Mosteiro.

— São Torcato, é um magnífico centro muito visitado por turistas de todo o País e, para progredir, torna-se necessário elevar esta povoação à categoria de Turismo, criando aqui a respectiva Comissão de melhoramentos locais.

Alguma coisa de óptimo existe já — a luz eléctrica e o telefone, mas ainda nos falta muito, para o que é preciso fazer — a estrada e obras na Fonte do Santo, o lago, e muitos outros melhoramentos estão por iniciar a sua construção.

A freguesia, no que respeita a caminhos públicos, também está um caos. A Junta não tem verba, e a Câmara não dá um centavo, apesar dos pesados impostos que oneram os seus habitantes.

Chamamos a atenção para este magno assunto de quem de direito surperintende nestes serviços.

Pomba.

Donim, 10.

Padre João Duarte de Macedo.

No dia 17 do corrente, passa o 5.º aniversário da morte do padre João Duarte de Macedo, que parou aqui a freguesia de Donim, onde repousa. Durante mais de trinta anos, foi ele o amigo e protector desvelado dos pobres, aos quais, a-miude, socorria com alimentos da sua casa, quando a doença lhes batia á porta e, muitas vezes, com refeitório e dinheiro do seu bolso.

A medida que o tempo passa, cada vez mais se radica o respeito e a veneração pela memória do amigo desinteressado, do cidadão prestimo e do protector dos infortunados de Donim.

Aos amadores fotográficos

A casa BENAMOR, no Tournal, encarrega-se de todos os trabalhos fotográficos. Tem à venda todos os artigos Kodak. Grande sortido de máquinas fotográficas, róllos e chapas.

Artigos de Papeleria, Tabacos, Lotaria, objectos de Escritório e Perfumarias.

ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

No dia sete de Outubro próximo, por doze horas, há-de proceder-se em hasta pública, no tribunal desta comarca, situado na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, à arrematação dos direitos imobiliários abaixo designados, penhorados nuns autos de acção sumária, por extracto de factura, que, na sexta Vara da comarca do Pôrto, é movida pela firma **António Teixeira de Melo & Companhia, Limitada**, com se-

"... e entre uma e outra porta está um passeio junto à muralha por onde se desce por escadas de pedra para a Praça que tem cento e sessenta passos de comprido e doze de largor." (4)

Em uma jocosa composição de um fidalgo vimaranense, amador das Musas, aparece esta referência ao patim do Tournal:

«Um comendador entrudal, Miserável da maleita Que, lazando se deita, Nas escadas do Tournal.» (5)

Tal como hoje, quantos lazando sua miséria ou inlavor pelos bancos das praças públicas, ali enchia a barriga de sol "um comendador entrudal" grotesco e miserável, em meados do século XVIII.

(Continua.)

Folhetim por A. L. DE CARVALHO

n.º 10

TOURAL

(Continuação)

Golpe de morte na muralha e patim do Tournal.

Aforamentos vários pretendiam abrir brecha na muralha do Tournal. Desde longa data que a sua propriedade era disputada pelos proprietários das casas de Arrochela. Uma Provisão régia de 10-5-1780 concede a um destes senhores o direito de reedificar junto à torre da *Porta da Villa*, "tirando a essa torre as ameias". (1)

Animados por esta e outras concessões, não falta quem venha requerer à Vereação afora-

mento de terrenos no rossio do Tournal, para nele levantar casas "encostadas à muralha". A Câmara indeferia. Demais, lá estavam os dous "procuradores dos mesteres" como representantes do povo, que logo dariam o alerta contra qualquer despacho favorável.

Os pretendentes, porém, não desanimavam. E como a muralha havia sido levantada por ordem dos reis nossos senhores, entendeu um dia o Juiz de Fora dar despacho a favor dum requerente, embora contra esse despacho levasse recurso a Câmara. (2)

Não obstante, tudo indicava que a hora derradeira da muralha do Tournal havia chegado. Por toda a parte do largo reduto amuralhado os rombos se sucediam. As suas pedras mordidas

com a *patine* dos séculos, eram apeteçadas para o lageado das ruas e para a construção de igrejas e conventos.

Demais! Se a paz com Castela se havia ajustado; se os *trons* de artilharia já indicavam outros meios de defender as povoações; se o burgo se queria descongestionar, rompendo os diques desse cinto de pedra — para que, afinal, manter de pé essa avanteza de pedra?!

Manter a muralha do Tournal por interesse histórico? Mantê-la como documento vivo de arte militar?

A Vereação de 1785 não possuía o senso crítico tam apurado para ver na muralha semelhantes predicados; contudo, defendia-a, ajustando o seu procedimento à vontade popular, porque a mu-

ralha do Tournal era, como já vimos, um logradouro público, como o era o patim que na sua base corria em toda a extensão. Eis porque na sessão de 26 de Novembro desse ano se tomava esta medida de postura municipal: — "E' proibido aos moradores que enfestam com o muro do Tournal ter em cima dêle vasos, cortiços, ou outras cousas, nem dêle atirar terra, pedra, água... sob pena de multa". (3)

Pois podia lá sentir-se que se despejasse das alturas da muralha sobre o patim do Tournal, fôsse o que fôsse, quando esse patim era o passeio e ancoradouro predilecto de tanta gente!

Alguns monografistas vimaranenses falam-nos da existência e utilidade desse patim. Oicamolos:

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

EM S. TORCATO

A Pensão-Restaurante Central, de Manuel da Silva Leite, fornece almoços, jantares e serviço à lista a excursionistas, turistas e romeiros, ao ar livre e a preços convidativos. Aceitam-se comensais. — Magníficos aposentos. Recomendam-se os vinhos verdes da cave desta casa.

OFICINA DE PINTURA ARTE DECORATIVA

de M. Pereira de Moura

Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura, tanto no Pôrto como na província.
Pintura de prédios, taboetas, letreiros luminosos, painéis a óleo e trabalhos a ouro e prata.
Consertam-se louças antigas e outros objectos de valor estimativo.
Informa-se nesta redacção.

957, R. Fernandes Tomaz, 959 PORTO 32, Rua do Estêvão, 34

Tipografia Minerva Vimaranesense

Rua 31 de Janeiro

GUIMARÃIS

Impressões em tódos os géneros.

A IMPERIAL TOURAL, 117

(antiga Casa Rebelo)

Completo sortido em Miudezas, Modas, Novidades, Malhas e Perfumarias.

VENDAS A DINHEIRO. PREÇO FIXO.

FOTOGRAFIA BELEZA

A esta casa revendedora dos afamados produtos AGFA, podem os Ex.^{mos} amadores confiar os seus trabalhos, pela rapidez na execução e perfeito acabamento.

Todos os trabalhos são entregues no prazo máximo de 24 horas.

de na cidade do Pôrto, contra Feliciano Diniz de Faria, morador na freguesia de Infias, desta comarca de Guimarães, direitos que serão entregues pelo maior lance que obtiverem acima da avaliação; a saber: — O direito e acção a uma vigésima parte que o executado e sua mulher Maria Celeste Ferreira de Sousa tem nos seguintes prédios: — Propriedade denominada do Cruzeiro, situada no lugar dêste nome, freguesia dita de Infias, composta de uma morada de casas e terreno de horta, com arvores de vinho e fruta e ramada: avaliado, o referido direito, na quantia de 400\$00; — a propriedade de Vila-Flor, situada na mesma freguesia de Infias, composta de uma morada de casas, horta com arvores, ramada e um tanque de pedra,

circuitada em parte por parede: avaliado, o referido direito, na quantia de 1.300\$00; — e uma morada de casas situada na rua do Dr. Abílio Torres, da vila de Vizela, desta comarca: avaliado, o referido direito, na quantia de 1.000\$00.

Ficam citados quaisquer credores incertos e, para assistir à praça, a fim de poder usar do direito de preferência o comproprietário Mamede de Sousa Oliveira, ausente em parte incerta, no Brasil.

Guimarães, 3 de Julho de 1934.

O Chefe da 2.ª Secção,

Serafim José Pereira Rodrigues.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Nunes Correia.

Casa de Santa Teresinha

Papelaria. Artigos Religiosos.

INTERESSANTE!

A CASA SALGADO,

a partir de 2 de Julho, passará a fornecer a cada cliente um talão relativo às suas compras, com o qual fica habilitado a um

BONUS MENSAL,

em fazendas, de metade do valor do respectivo talão, o que depende de uma espécie de sorteio.

EXEMPLIFICANDO: — No fim de cada mês tirar-se-á à sorte os dias 1 a 30. Na hipótese de sair o dia 18, todos os nossos clientes dêsse dia receberão, em fazendas à sua escolha, metade do valor do talão que lhes fornecemos. — Comprou, por exemplo, 200\$00, recebe 100\$00 de BONUS, em fazendas.

!!!

Faça V. Ex.^ª as suas compras

CASA SALGADO

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

Rua 31 de Janeiro

: GUIMARÃIS:

BOM SORTIDO. — PREÇOS EM CONCORRÊNCIA.

■ Bónus mensais ■

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho
PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCO, 30

Ex.^{mo} Snr.

Sociedade de Clementino Sarmento
to. Luis falves

GUIMARÃIS